

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
IN MEMORIAM JACQUES PERRIN  
26 de Julho de 2022**

**IL LUNGO SILENZIO / 1993**

*Um filme de Margarethe von Trotta*

Realização: Margarethe von Trotta / Argumento: Felice Laudadio / Direcção de Fotografia: Marco Sperduti / Música: Ennio Morricone / Direcção Artística: Antonello Geleng / Guarda-Roupa: Carlo Poggioli / Som: Remo Ugolinelli / Montagem: Nino Baragli e Ugo De Rossi / Interpretação: Carla Gravina (Carla Aldrovandi), Jacques Perrin (Marco Canova), Paolo Graziosi (Francesco Mancini), Agnese Nano (Maria Mancini), Antonella Attili (mulher de Fantoni), Alida Valli (mãe de Carla), Giuliano Montaldo (procurador), Ivano Marescotti (Fantoni), Ottavia Piccoli (Rosa), etc.

Produção: Bioskop Film – Evento Spettacolo – KG Productions – Union PN / Produtores: Felice Laudadio e Evento Spettacolo / Cópia em 35mm, colorida, falada em italiano com legendagem electrónica em português / Duração: 94 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

\*\*\*

Foi em 1992 que o mundo percebeu, com os assassínios em rápida sucessão de Giovanni Falcone e Paolo Borsellino, que ser em juiz em Itália era das mais perigosas profissões do mundo. **Il Lungo Silenzio**, estreado no ano seguinte, não pode ser desligado desse momento em que a luta das instituições italianas contra a mafia atingiu um muito especial dramatismo. Tem ao mesmo tempo contornos de homenagem a figuras como as de Falcone e de Borsellino (embora todas as personagens e situações do filme sejam ficcionais, os traços de equivalência com a “vida real” são evidentes), e contornos de filme de denúncia, embora denúncia bastante desesperada. Reflecte o cansaço da sociedade italiana perante a influência, violenta, invasiva e tentacular, da máfia.

E oferece uma perspectiva um pouco diferente de outros filmes sobre o assunto, ao deslocar o ponto de vista para o lado feminino. Terá sido essa a razão por que Felice Laudadio (argumentista e produtor, e enquanto tal principal dínamo do projecto) foi buscar Margarethe von Trotta (então na parte final de uma época em que filmou sobretudo em Itália) para assumir a realização. Que a questão do olhar e da atitude das mulheres é fundamental em **Il Lungo Silenzio** (esse “longo silêncio” do título é, no fundo, o delas) fica comprovado naquela cena, sensivelmente a meio do filme, em que Carla (duplamente Carla: Gravina, a actriz, e Aldrovandi, a personagem) vê na televisão um dos momentos cruciais do **Johnny Guitar** de Nicholas Ray, com o confronto entre Emma e Vienna. No filme de Ray, como se sabe, Vienna acaba por perceber que não permanecer “neutral” ou indiferente aos conflitos que a rodeiam, porque eles puxam por ela e invadem-lhe a casa. De certa forma, esse é o momento em que Carla antecipa a mesma conclusão, pouco antes de a confirmar quando, minutos depois, o marido (o juiz

interpretado por Jacques Perrin) desaparece no que com toda a probabilidade foi um atentado mafioso.

Percebe que aquela tem que ser a sua vida, e não apenas a vida do marido. Até aí, ela fora uma espécie de refém da vida dele – as cenas iniciais, os passeios na praia, coisas que parecem idílicas até que se revele a presença de um aparato de segurança que segue o juiz e a sua mulher para todo o lado, basicamente cortando-os do mundo e instalando-os numa bolha securitária móvel. Como a Vienna do **Johnny**, também Carla tem o seu “casino”: é o seu consultório de ginecologia, profissão que obviamente não foi escolhida ao acaso (por todas as razões óbvias mas também pelo contraste entre a morte e a ameaça de morte que sempre pairam no dia a dia de Carla, e a vida que ela, pela sua profissão, ajuda a gerar). E como a Vienna, julga poder mantê-lo como território sagrado até ao momento em que percebe que não pode.

A segunda parte do filme, a seguir à morte da personagem de Perrin, corresponde a esse momento da passagem à acção. Carla tem acesso aos apontamentos, aos documentos, aos contactos, do falecido marido. Começa a usá-los ou a ameaçar usá-los. Outro juiz, amigo de Perrin, morre logo a seguir (muito possivelmente, no eco mais nítido das rápidas mortes de Falcone e Borsellino). Carla contacta as outras viúvas, dos juízes, dos “pentiti”, das vítimas da brutalidade da máfia, conduz um inquérito com elas que é uma espécie de “documentário”, ou o seu próprio “filme de denúncia”. Mas a opacidade e os tentáculos do poder que combate são demasiado devastadores. Acaba mal, acaba no desespero da mais brutal violência. Mas acaba, naquele ecran em “split screen” com os rostos e as vozes de múltiplas mulheres, com uma pequena hipótese de esperança: o “longo silêncio” quebrou-se.

Luís Miguel Oliveira